

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

NAYARA F NASCIMENTO CÂNDIDO

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Uma análise acerca das profissões tipicamente masculinas na contemporaneidade

Monografia

Mariana

2017

NAYARA F NASCIMENTO CÂNDIDO

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Uma análise acerca das profissões tipicamente masculinas na contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Me. Jussara de Cássia Lopes.

Mariana

2017

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

C651d Cândido, Nayara F. do Nascimento
Divisão sexual do trabalho [recurso eletrônico] :
uma análise acerca de profissões tipicamente masculina
/ Nayara F. do Nascimento Cândido.-Mariana, MG, 2017.
1 CD-ROM; (4 3/4 pol.)

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social, DECSO/ICSA/UFOP

1. Genero - Teses. 2. MEM. 3. Mulheres - Emprego -
Teses. 4. Monografia. 5. Divisão do trabalho - Brasil
- Teses. 6. Patriarcado - Brasil - Teses. 7. Trabalho
- Aspecto social - Teses. I.Lopes, Jussara de Cássia
Soares. II.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto
de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências
Sociais, Jornalismo e Serviço Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 305
: 15
: 1417781

FOLHA DE APROVAÇÃO

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO: UMA ANÁLISE ACERCA DAS
PROFISSÕES TÍPICAMENTE MASCULINAS NA CONTEMPORANEIDADE

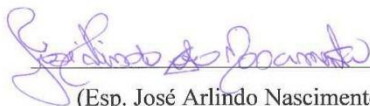
ORIENTADOR (A): NAYARA F NASCIMENTO CÂNDIDO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Serviço Social da Universidade
Federal de Ouro Preto – UFOP, como parte dos requisitos necessários à obtenção do
título de bacharel em Serviço Social.

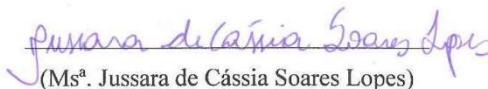
Aprovado em: 10 / 04 / 2017



(Ms. Sheila Dias Almeida)



(Esp. José Arlindo Nascimento)



(Ms^a. Jussara de Cássia Soares Lopes)

Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.

Simone de Beauvoir

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este sonho, dedico extremos agradecimentos a todos que me possibilitaram concretizá-lo direta ou indiretamente.

Primeiramente a Deus, que me concedeu a vida e a oportunidade de sonhar e viver para realizar o mais longo sonho de minha vida.

Agradeço imensamente à instituição, a todos os docentes que contribuíram para a minha formação desde a alfabetização até a graduação.

Agradeço profundamente à minha querida e inesquecível professorinha Tia Gordinha do ensino fundamental, esteja onde estiver, deixo aqui os meus sinceros agradecimentos por ter contribuído imensamente para a realização desse momento em minha vida.

De forma especial, antecipo agradecimentos a todos que participarão da Banca Examinadora.

Em especial, dedico os mais sinceros agradecimentos a minha família que, com todo carinho, me deram condições para eu seguir em frente.

Com todo meu amor agradeço a minha vó Amariles e vó Vanda Rosa que rezaram muito por mim.

Ao os meus amigos de Seven Lakes, aos que vibraram com a minha entrada na UFOP. Que também de forma carinhosa agradeço por terem me apoiado nos momentos difíceis, e a todos familiares que direta ou indiretamente torceram por mim nessa constante busca pelo conhecimento.

A todos os colegas da turma 11.1 e as demais turmas por onde passei nessa instituição, aos Samuel Fortes, Elizangela, Lorena.

A vocês meus sinceros agradecimentos pelos bons momentos que passamos juntas lá no ICSA, pela companhia em todos os momentos, pelas risadas e aflições, enfim teremos muitas histórias para contar. Valeu cada momento que ficarão para sempre em meu coração.

Minha formação não seria completa sem a contribuição dos profissionais do campo de estágio que muito contribuíram para o meu aprendizado. Sou extremamente grata a minha que orientadora de campo Vanuza Marilene dos Santos me ensinou com competência e me proporcionou um rico conhecimento. Agradeço também à companhia da minha colega de estágio, Marisa, durante as experiências com coletivo e atuação no campo de estágio.

Com muito carinho também agradeço as meninas que contribuíram para o desenvolvimento da minha pesquisa. Não citei nomes, pois prometi preservar a identidade profissional.

Em especial dedico esse agradecimento à Jussara Lopes, minha orientadora da vida, amiga que me orientou com toda dedicação, sabedoria e paciência. Você me fez acreditar que o amanhã pode ser melhor e que só depende das nossas escolhas. A você eu devo grande parte do meu crescimento intelectual e pessoal.

De maneira muito especial, também presto sinceros agradecimentos do fundo do meu coração à minha querida Jéssica Romero, que com toda humildade e dedicação estava sempre ali me apoiando e amparando nas minhas dificuldades.

Enfim, desejo que esse momento não seja ímpar, e que muitas realizações estejam por vir. Dessa forma, de uma maneira muito sincera e especial, agradeço a todos que de uma forma ou de outra colaboraram para a realização dessa monografia.

RESUMO

O objetivo dessa monografia foi analisar a realidade da mulher dentro do mundo do trabalho, pois ainda vivemos em uma sociedade patriarcal e capitalista, onde existe uma divisão sexual do trabalho. Temos, a partir disso, a intenção de desnaturalizar os papéis sociais que são atribuídos a mulher e, para além destas questões, demonstrar para quem esta ideologia tem uma grande serventia. Foi realizada uma pesquisa de campo qualitativa a fim de demonstrar a realidade das mulheres que exercem trabalhos tipicamente masculinos na contemporaneidade. Assim, a expectativa é que este trabalho contribua para a reflexão e luta pela igualdade de gênero, a fim de que um dia possamos vivenciar uma outra realidade para além desta imposta pela sociedade capitalista.

Palavra- chave: divisão do sexual do trabalho, sociedade patriarcal, trabalho tipicamente masculino.

ABSTRACT

The objective of this monograph was to analyze the reality of women within the world of work. Because we still live in a patriarchal society where there is a sexual division of labor, we have the intention of denaturing the social roles attributed to women. And beyond these questions, to demonstrate to whom this ideology has a great service. Qualitative research was carried out in order to demonstrate the reality of women who perform typical male jobs in contemporary times. Thus, the expectation is that this work contributes to the reflection and struggle for gender equality, so that one day we may experience another reality beyond that imposed by capitalist society.

Key words: division of the sexual labor, patriarchal society, typically masculine work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: Divisão sexual do trabalho conveniente para quem?.....	13
1.1 Articulando Capitalismo e Patriarcado.....	13
1.2 As contradições da sociedade patriarcal.....	20
1.3 Abuso e violência no mundo do trabalho.....	25
CAPÍTULO 2: Gênero e trabalho na contemporaneidade: o olhar das mulheres que exercem profissões tipicamente masculinas.....	28
2.1 Metodologia.....	Erro! Indicador não definido.
2.2 Análise de dados.....	30
2.2.1 Perfil socioeconômico das mulheres entrevistadas.....	30
2.2.2 Análise das entrevistas.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES.....	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Fazendo uma retomada na sociedade capitalista brasileira desde a década de 1970, as crises do padrão produtivo e as recentes transformações societárias, a “questão social” é redimensionada, sofre alterações e apresenta particularidades e especificidades para a sociedade brasileira no cenário contemporâneo. As profundas alterações do sistema capitalista, que intensifica o processo de exploração e expropriação das classes trabalhadoras, reduz o papel do Estado na garantia de direitos e promoção de políticas públicas sociais que atendam às necessidades básicas de maior parte da população (IAMAMOTO, 2008).

Esse tipo de ação conduz a banalização do humano, por isso temos o foco nos investimentos econômicos ao invés do investimento no âmbito social, tanto nos países centrais como nos periféricos. Ou seja, o aumento do desemprego, a instabilidade do trabalho, a perda dos direitos trabalhistas, o aumento da pobreza, o empobrecimento da classe média, a privatização dos serviços sociais, a inserção das mulheres no setor de serviços, as “novas” configurações familiares (famílias chefiadas por mulheres, aumento da monoparentalidade feminina, etc.) colocam muitos em situação de extrema vulnerabilidade social e de pobreza, exclusão e subalternidade, que se agrava diante o momento atual de regressão dos direitos sociais (IAMAMOTO, 2008).

Destarte, este trabalho de conclusão de curso busca entender como é a realidade das mulheres trabalhadoras, com ênfase na realidade daquelas que exercessem profissões cuja hegemonia ainda é masculina, pois já se sabe da sua inserção maciça no mercado de trabalho. Entretanto, pouco se fala de como se deu essa inserção, partindo do pressuposto de que vivemos em uma sociedade patriarcal, onde encontramos uma divisão sexual do trabalho.

O objetivo dessa pesquisa foi descobrir como se dá a realidade da mulher dentro do mundo do trabalho. Temos, a partir disso, a intenção de desnaturalizar os papéis sociais que são atribuídos a mulher e, para além destas questões, demonstrar para quem está ideologia tem uma grande serventia, com possíveis apontamentos para poder superá-la.

A motivação para a construção desta pesquisa se deu através da observação pois, mesmo na atual conjuntura, ainda existe para o senso comum profissões que devem ser executada somente por homens e outras somente por mulheres. Essa aparente

segregação de capacidades foi o que impulsionou o tema de estudo acerca da divisão sexual do trabalho.

No capítulo 1, discorremos sobre como se deu a inserção da mulher no mercado de trabalho. Em qual momento a sociedade capitalista se encontrava e, para além disso, que tipo de trabalho elas exerciam nessa sociedade. Também mostramos a existência de uma divisão sexual do trabalho, e como o sistema tira benefício disto.

No capítulo 2, foi realizada uma pesquisa com mulheres que exercem trabalhos tipicamente masculinos. A partir disso, foi possível analisar como se dá a realidade dessas mulheres nos dias atuais e lançar uma visão crítica da mesma. A metodologia aplicada ao espaço da pesquisa foi baseada na investigação qualitativa, através de roteiro de entrevista, com vistas à absorção de opiniões e subjetividades. A análise dos dados foi realizada com embasamento teórico, por meio de artigos, livros e textos científicos.

Preferencialmente fiz uso de autoras do gênero feminino, sobretudo ao tratar do assunto da divisão sexual do trabalho, para respeitar e dar ênfase ao protagonismo da luta por igualdade das mulheres, possibilitando mais visibilidade e reconhecimento no mundo acadêmico, espaço onde os principais teóricos ainda são do sexo masculino.

A expectativa é que o trabalho possa contribuir com uma demonstração de como se dá a realidade da mulher que realiza trabalhos tipicamente masculinos. Os desafios, os avanços, o que precisa ser mudado nos dias atuais para que de fato homens e mulheres convivam em pé de igualdade no mundo do trabalho.

Para além disso gostaria de relatar o quanto foi doloroso a realização deste trabalho. Como adoecimento mental causado pela academia é negligenciado, mesmo todos sabendo que acontecem com várias pessoas como a cobrança e estresse emocional leva muitos a depressão. Como professores e alunos tem que fazer uso de medicamentos tarja preta e ninguém fala disso dentro de um curso que se propõe a uma universidade emancipada torna todo o discurso bastante contraditório. Pois ao em vez de se apoiar, ajudar e compreender a educação com as limitações dos alunos com TDAH que foi meu caso, e outras questões mentais. OCORRE A CULPABILIZAÇÃO DOS MESMO, por não corresponderem os padrões de aprendizagem que a sociedade impõe! Dentro um curso de serviço social em âmbito federal tais coisas não deveriam ocorrer, e mesmo com um grande número de evasão nenhuma atitude é tomada. ESTE PARAGRÁFO É MEU ATO DE PROTESTO CONTRA ESSE SISTEMA ADOECEDOR QUE SE TORNOU O CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFOP.

Capítulo 1 – Divisão sexual do trabalho conveniente para quem?

Desde os primórdios da sociedade até os dias atuais, vivenciamos em uma sociedade patriarcal, na qual o homem tem os privilégios na vida social e no âmbito do trabalho. Entendendo as perspectivas machistas e a segregação existente de um “padrão de comportamento” entre homens e mulheres, essa ideologia também atravessa o mundo do trabalho onde se tem profissões tipicamente masculinas e femininas.

Com a evolução cultural e as conquistas do movimento feminista, as mulheres conseguiram se inserir no mercado de trabalho e conquistaram alguns direitos. Contudo, a ideologia machista ainda se faz presente, influenciando suas vidas dentro e fora do cotidiano de trabalho. A divisão sexual do trabalho tem um papel social importante nas determinações da ordem capitalista que precisam ser desmistificadas.

1.1. Articulado Capitalismo e Patriarcado

O capitalismo contemporâneo tem início nos anos 1960, e é demarcado pelos grandes monopólios de mercados globalizados, e o sistema bancário. Nesse dado momento histórico observamos o fim do “milagre econômico”. Devido ao estado de bem estar social, as classes mais abastadas viam a possibilidade do consumo em massa, e de possuir coisas das classes mais favorecidas. Nos países subdesenvolvidos, havia o desenvolvimentismo, juntamente com consenso de estimular a produção em massa, para fazer a economia crescer para depois dividir os seus benefícios com a população.

Mas o seu verdadeiro suporte, foi no domínio da economia, era a **onda longa expansiva**, na qual “os períodos cíclicos de prosperidade são mais longos e intensos, e mais curtas e mais superficiais as crises cíclicas” (*Mandel*): as crises não foram suprimidas, mas, seus impactos viram-se reduzidos (em vez das depressões e recessões) e as retomadas foram rápidas e intensas; pode-se dizer que as crises constituíram uma série de pequenos episódios num arco em que o crescimento econômico mostrou-se dominante. Os “anos dourados” expressão exatamente essa onda longa de expansão econômica (que não foi a primeira registrada na história do capitalismo), durante a qual o crescimento econômico e taxas de lucro mantiveram-se ascendentes entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a segunda metade dos anos sessenta (NETTO E BRAZ, 2008, p. 213).

Em meados de 1968 deu-se o fim dessa onda longa expansiva, as taxas de lucro juntamente com o poder de compra do trabalhador começam a diminuir. No período de 1971 a 1973 dois fatores aparecem como estopins da crise que foi o colapso do ordenamento financeiro e mundial¹ e o choque do petróleo².

Outros fatores que contribuíram para a crise foram os fatores sociopolíticos, sendo o principal deles a organização dos trabalhadores, ou seja, os movimentos sindicais. Surgem também modificações culturais representadas pelos de categorias sociais específicas, como o movimento negro e feminista. De 1974 a 1975 o capitalismo passa por uma enorme recessão, e a partir da década de oitenta vivência mais uma crise. Observando desde o momento de seu surgimento até os dias atuais, as crises se tornaram mais frequentes e as taxas de crescimento econômico tornam-se mais complexas e periódicas, com conseqüências políticas, culturais e sociais. O que se percebe disso é que tais respostas não tiveram o efeito desejado, já que o crescimento econômico permanece reduzido e as crises ainda ocorrem, porém de modo a trazer menos impactos. Entretanto, restauraram-se as taxas de lucro, o que para o capital monopolista é o que realmente importa (NETTO e BRAZ, 2008).

As respostas utilizadas partiram da configuração da restauração do capital, a estratégia utilizada baseava-se no tripé: reestruturação produtiva, financeirização e a ideologia neoliberal. Como medida inicial o capital atacou o movimento sindical a partir de medidas restritivas por medida de lei que reduz o poder de intervenção do sindicato. Concomitantemente a isso, começa a se ter mudanças no modo de acumulação o taylorismo-fordismo, que começa a dar lugar a uma outra fase do estágio imperialista que é a *acumulação flexível*.

A acumulação flexível se apóia na flexibilidade nos processos de trabalho dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de inteiramente novos, novas maneira de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (NETTO e BRAZ, 2008, p. 215).

A reestruturação produtiva é baseada em acentuar a extração de mais-valia, a produção rígida dá lugar a outra flexibilizada. Juntamente disso um processo de desterritorialização, onde se busca mão de obra barata e atender novos nichos de

¹ A modificação de mudar vinculação do dólar com o ouro.

² A alta dos preços do petróleo determinada pela OPEP.

mercados baseado na cultura local, não mais se produzia um único modelo de automóvel em larga escala. Os avanços tecnológicos aumentaram consideravelmente o exército industrial de reserva. Devido a isso o “mercado” tornou-se mais exigente, agora não mais o trabalhador é a extensão da máquina a partir deste dado momento ele necessita ter maiores aptidões que a sua função, ele deve ser “polivalente”.

Outra forma de garantir a lucratividade dos grandes monopólios é o sucateamento dos direitos trabalhistas, que é o processo de terceirização de serviços. Onde se tem um número restrito de trabalhadores vinculados diretamente com a empresa e se contrata outras empresas para fazer os serviços, assim se economiza com encargos trabalhistas e benéficos. Para além disso, essa medida ramifica os grupos³ de trabalhadores, dificultando que eles se organizem contra o processo de exploração pois o trabalhador perde a identificação com os demais trabalhadores por não pertencerem ao mesmo grupo, e devido a isso não possuem os mesmos privilégios (NETTO e BRAZ, 2008).

Quando pensamos em divisão sexual do trabalho, não podemos deixar de colocar em questão a diferença entre mulheres e homens no quesito que muitos insistem em negar. As mulheres são as mais atingidas pelo desemprego, ganham menos do que os homens, respondendo pela quase totalidade do trabalho doméstico. As políticas de programas de emprego são sexuadas, quer seja de trabalhos que dão status sociais ou subempregos. Observamos também essa divisão quando o trabalho produtivo é impulsionado pelos homens e, em contrapartida, são dispensados do trabalho doméstico. Concomitantemente, é cada vez maior o número de mulheres que entram no mercado de trabalho formal. O trabalho tem outras faces, seja ele produtivo/e ou reprodutivo. Entretanto, por toda parte, sempre, o “valor” é o que distingue o trabalho masculino do trabalho feminino: produção “vale” mais que reprodução, produção masculina vale mais que produção feminina (mesmo quando uma e outra são idênticas). Esse problema de valor do trabalho – termo empregado aqui no sentido social e ético, não no sentido econômico – atravessa toda a nossa reflexão: ele induz há uma hierarquia social. Valor e princípio de hierarquia, sob aparências múltiplas, permanecem imutáveis: o trabalho de

³ Devido a divisão sociotécnica do trabalho, os trabalhadores perderam seu reconhecimento de classe o que acarretou na divisão da dos sindicatos que passou a trabalhar e defender os interesses a partir de categorias.

um homem pesa mais que o trabalho de uma mulher. E quem diz hierarquia diz relação social.

Na dinâmica do capital o trabalho assalariado possibilita à única forma de acesso à cidadania social. E o que dizer das mulheres que não estão economicamente inseridas no mercado de trabalho? Qual é a realidade das mulheres que realizam o trabalho doméstico e como é a sua cidadania social em relação às demais? Pesquisas acerca desse tema são realizadas por poucas pesquisadoras. Não se tem muito interesse em discutir a divisão sexual do trabalho (HIRATA e KERGOAT, 2003).

A segregação do mundo do trabalho é perceptível na divisão sexual do trabalho, onde as funções mais alienantes e degradantes “mentalmente” são destinadas às mulheres, como o trabalho na linha de montagem. É um trabalho monótono e repetitivo, onde não se tem autonomia, não permitindo a criatividade; trabalhos como esses são destinados ao sexo feminino.

Pegando resultados de pesquisa realizada pelo IBGE no fim da década de 90, com o intuito de descobrir a taxa de atividade feminina, percebe-se um aumento de 47% de mulheres em idade de trabalhar, mulheres que estão ativamente trabalhando ou estão procurando emprego. A explicação para essa taxa foi a redefinição feita pelo IBGE que entendia a atividade doméstica como trabalho e também a produção familiar. Contudo, observamos que nessa mesma época há um declínio na quantidade de membros nas famílias brasileiras, juntamente a isso, aumentou-se o percentual de famílias chefiadas por mulheres. O norte e o nordeste foram as regiões que apresentaram maior quantidade de famílias chefiada por mulheres, sendo estas as regiões mais pobres do país. Isso se deve ao fato de os homens nessas regiões migrarem para as regiões onde se apresenta maiores oportunidades de emprego.

Até final da década de 70 as trabalhadoras eram em sua maioria jovens, solteiras e sem filhos. A partir da década de 80 esse perfil muda e essas mulheres em sua maioria estão casadas e com filhos. Devido a expansão do setor de serviços as mulheres com faixa etária entre 40 e 49 anos conseguem se reinserir no mercado de trabalho. Contudo, observamos um crescimento das mulheres que são mães se reinserindo no mercado de trabalho. Fatores como pressão econômica, o empobrecimento da classe média, a necessidade de arcar com a saúde e educação, pois o sistema público é bastante falho.

Entretanto, outra grande causa é a modernização e o avanço cultural da sociedade, no qual a ascensão das mulheres ao nível superior de ensino é cada vez maior.

No ano de 1999 as mulheres predominavam nos cursos tecnológicos relacionados à saúde, arte, imagem pessoal e setor de serviços. Já no curso superior, cursos como letras, artes, ciências humanas tinham mais de 80% da sua composição por mulheres. Nas ciências biológicas 74% e na saúde 67%, onde esse percentual com o passar dos anos aumentou.

Ainda que em menor número, as mulheres são também maioria nas ciências exatas da terra, área na qual sua participação sofreu declínio na década seguinte. Encontra partida, sua presença ultrapassou a masculina nas ciências sociais aplicadas, área de conhecimento que abriga uma extensa variedade de curso, alguns deles tradicionais redutos femininos – biblioteconomia, economia doméstica e serviço social – outros cursos preparatórios do qual as mulheres estão entrando de forma significativa desde a década de 1980. Administração, arquitetura/urbanismo, direito. Mesmo na engenharia/tecnologia, tradicional reduto masculino, o aumento de participação das mulheres é relevante. O mesmo se pode dizer as ciências agrárias, área de conhecimento do qual as mulheres ocupavam pouco mais de ¼ das vagas em 1990 (CRISTINA BRUSCHINI, MARIA ROSA, 2003, p.334).

Temos como primórdios da humanidade o antagonismo existente entre homens e mulheres, a partir disso temos a necessidade de analisarmos a sociedade não somente entre classes, mas também considerando as questões de sexo. Segundo Cisne, o antagonismo não se dá de forma natural, mas sim por atender os interesses da ordem vigente, garantindo a sua reprodução da propriedade privada e concomitantemente a força de trabalho:

Na atual conjuntura a classe operária tem dois sexos... do contrario como podemos explicar que as mulheres estão nos postos de trabalho mais precarizados e mal remunerados? Como explicar a persistente divisão sexual do trabalho, que não apenas diferencia o trabalho masculino do trabalho feminino, mas gera desigualdade entre homens e mulheres pertencentes a mesma classe? Como explicar a jornada intensiva e extensiva⁴ e o não reconhecimento/desvalorização do trabalho doméstico/reprodutivo? Como explicar o porquê de 70% dos pobres do mundo serem mulheres. Negar a

⁴ Na sociedade patriarcal, a jornada de trabalho masculina tem seu término com o fim do expediente. Entretanto, quando se trata das mulheres existe uma relação de sobre trabalho, que é a “obrigação” de cuidar das atividades domésticas para além de suas obrigações com o trabalho formal. Estes trabalhos domésticos foram naturalizados como parte da ideologia patriarcal, e por isso ele é desvalorizado e não remunerado.

dimensão de sexo no trabalho é negar a realidade em que vive a classe trabalhadora, em especial a das mulheres, e em sua relação com o capital (MÉSZAROS apud CISNE, 2014, p.25).

A sociedade contemporânea, no que tange a luta dos trabalhadores, tem uma relutância em lidar com a perspectiva de classe e gênero. Esta questão está intrinsecamente ligada ao entendimento ortodoxo de homogeneização da classe trabalhadora, abstraindo suas particularidades e observando somente suas relações no modo de produção. Segundo Saffioti, tem-se a argumentação de que as questões de raças, etnias e sexo acarretam na argumentação de fragmentação política da classe trabalhadora. O capitalismo utiliza estratégias com a intenção de “dividir para perpetuar”; e esta divisão foi construída socialmente dentro das relações de classe e suas práticas sociais. Assim, como o patriarcado garante “o poder do macho”, que constitui a subordinação da mulher para nortear a estrutura da sociedade.

O patriarcado pode ser definido como o conjunto de relações sociais que tem uma base material e no qual há relações hierárquicas entre homens, e solidariedade entre eles, que os possibilitam a controlar as mulheres. Patriarcado é, pois, o sistema masculino de opressão das mulheres (SAFFIOTI, 1999, s/p).

Este sistema social se apropria da tradição para justificar a marginalização de certos setores da população, assim os inferiorizados socialmente cumprem um papel fundamental na construção da sociedade competitiva a serviço do capital. Ou seja, o sistema competitivo capitalista utiliza-se dos modelos discriminatórios existentes para aproveitá-los no mundo do trabalho de forma marginal, segregadora, e menos remunerada. Todavia, devemos levar em consideração que existem determinações específicas para as variadas frações que compõe a classe trabalhadora. “Assim é, que as mulheres brancas ganham salários inferiores aos dos homens brancos e superiores aos das mulheres negras e aos dos homens negros.” (CISNE, 2014, p.27)

É notória a existência de uma hierarquia de opressão dentro da mesma classe. O quadro abaixo ilustra a disparidade salarial existente entre homens brancos/mulheres brancas e principalmente, de maneira alarmante, entre mulheres negras/ homens brancos.

Quadro 1

Razão entre rendimentos médios mensais do trabalho principal de alguns grupos selecionados* - Brasil, 2003 e 2009.

Cor/"raça"	2003	2009
Mulheres/homens	61,8/%	65,8%
Negros/brancos	48,8%	57,0%
Mulheres negras/mulheres brancas	51,2%	56,9%
Mulheres negras/homens brancos	30,2%	36,5%

Fonte: IBGE/PNAD. Elaboração: Ipea/DISOC/ Ninsoc (núcleo de gestão de informações sociais). * Rendimento médio no trabalho principal deflacionado com base no INPC, ano de referência 2009. População ocupada com 16 anos ou mais.

Sabe-se que todo um contingente de trabalhadores (as) é explorado pelo o capital, por isso as estruturas sindicais autênticas da classe estão sempre dispostas a levantarem bandeiras e por elas lutar. Entretanto os mesmos se mostram resistentes a pautar questões das trabalhadoras, como por exemplo, creches, igualdade salarial e legislação trabalhista que protegem a mulher de ser demitida por razão de casamento, etc. Para além disso, não se tem uma inclusão paritária nos espaços sindicais, colocando-as, quando inseridas, em papéis secundários e com raras exceções de mulheres com papéis na diretoria de fato.

No contraponto classista, as mulheres burguesas, mesmo com certa dificuldade de inserção nesses espaços de destaque, conseguem exercê-lo de forma mais recorrente do que as mulheres trabalhadoras. Pois, sua participação não atrapalha a continuidade do processo de acumulação burguês.

Através de um simples cálculo aritmético, pode-se concluir que *o poder do macho* no seio das classes trabalhadoras representa uma vitória da classe patronal e não uma conquista do trabalhador. Efetivamente, os empregadores estão desembolsando, no caso da família tomada com exemplo, menos de três salários, quando deveriam pagar quatro, numa sociedade em que homens e mulheres fossem socialmente iguais. Assim é claro o prejuízo que a supremacia masculina causa não apenas as mulheres, mas também aos homens das classes trabalhadoras." (SAFFIOTI, 1987, p.23)

Em termos de finanças “ser o macho provedor”, e ter a responsabilidade de arcar com o principal sustento da família é um grande prejuízo econômico. Questionamos se oprimir a mulher vale a pena frente ao prejuízo financeiro? Segundo a autora, quanto mais marginalizadas (mulheres, negros, homossexuais, transexuais, e etc.) maior o processo de exploração e subalternização nas condições de trabalho e salarial, acarretando em uma maior extração de mais-valia desses sujeitos em relação a outros.

A construção do “ser macho” vai para além do “macho provedor”, a constituição de um macho é imbuída de valores como: coragem, força, razão, virilidade etc. Portanto os afeminados, tímidos, sensíveis, os raquíticos etc. são oprimidos pela ideologia do machismo. Saffioti afirma que está ideologia ocasiona na castração masculina, pois tudo que remete ao feminino é tido como inferior. Dessa forma, homens são “podados” para se encaixarem no comportamento padrão⁵.

Dando continuidade as argumentações da autora, temos a seguinte reflexão; em uma sociedade onde homens e mulheres sofrem um alijamento em relação ao seu ser social, devido as imposições de comportamento de cada gênero, demonstra-se que a luta das mulheres não pode ser uma luta exclusiva delas, mas também, uma questão dos homens. É impossível modificar o comportamento do oprimido sem concomitantemente modificar o comportamento do opressor. Mas para que exista uma possibilidade de uma luta conjunta, é necessário que aqueles que possuem posição superior a outros, reconheça sua posição de privilégio, para assim incluirmos todas as especificidades em uma única pauta que contemple a todos. Desde modo, resultando no fortalecimento da luta dos trabalhadores.

1.2. As contradições da Sociedade Patriarcal

Saffioti (1987) aponta que a fragilidade feminina vem acarretada paralelamente com o macho provedor; a função masculina de proteção, por sua considerável força, apresenta a mulher “frágil” aos desmandos caseiros como maternidade, a ideia de pacificadora de conflitos voltada ao sentimental e impondo a manutenção e controle de seu próprio corpo. Estas questões e padrões de comportamento são atribuídos a mulher.

⁵O comportamento padrão masculino foi construído socialmente pelo patriarcado, com a intenção de reafirmar o seu papel de superioridade na sociedade.

Essa desenvoltura sobre o corpo e seu comando sob o mesmo interfere na consciência feminina de só poder sentir-se frágil, isso foi criado por uma sociedade patriarcal. Impondo seus valores patriarcais, foi se deixando de lado a opinião feminina sobre outros interesses e com sentimento de castração mental, considerando o valor masculino acima das suas vontades e as deixando com uma visão distorcida da situação.

No entanto há falsos confortos em volta dessa “valorização” feminina na sociedade. Chega a ser enganosa as expectativas em volta da segurança feminina dentro desse sistema, sob o medo de perda dessa "masculinidade" chegando a ser paranóico esses medos diários masculinos da perda do seu mando e da sua imponência, chegando assim a atingir uma questão de violência ainda maiores que apenas a divisão sexual do trabalho.

Tendo em vista todos esses pontos remetidos, uma questão que deveria ser citada é a visão racial dentro dessa divisão trabalhista, muitas vezes deixada de lado, e Saffiotirelata sob como a supremacia masculina introduzida nessa sociedade erradicada pela discriminação econômica, social e racial visa beneficiar ao contingente populacional é hétero, masculino e branco e, conseqüentemente, acarreta a exclusão.

Em suma, mulher é subordinada ao homem nesta sociedade e sua cultura, que pode se dizer arcaica, e apresentando no campo profissional essa subjugação de valores citados antes, todos se interligam para argumentar essa divisão excludente de gênero no trabalho. Pode-se considerar até mesmo historicamente a sujeição da mulher em relação ao masculino na época de formação nacional brasileira e mesmo assim essa mulher encontrava formas de resistência e conscientização sendo ela individual ou até mesmo em manifestações.

As relações de poder entre os gêneros, da mesma forma que os significados, os valores, os costumes e os símbolos, divergem através das culturas. A religião, a economia, as classes sociais, as raças e os momentos históricos estabelecem significados que se consolidam e se relacionam integralmente e agindo em todos os aspectos do dia-a-dia (SAFFIOTI, 1987, p.56).

Sendo assim, essa sujeição feminina ao poder do macho e a segregação espacial no trabalho, tem conseqüências políticas, sociais e culturais. A autora retrata que a sociedade, nos dias atuais, necessita de uma restauração para desestabilizar essa visão

imposta e a diminuição da repressão feminina, banindo o esforço de se manter uma superioridade masculina e inferioridade feminina baseadas em mitos sociais.

A divisão sexual aborda, além de gênero, a questão racial incorporada na sociedade patriarcal e visivelmente ao contexto brasileiro, onde se percebe a disparidade gritante ao se analisar os valores culturais, sociais e econômicos mediante a divisão sexual do trabalho. No Brasil, durante o século XX, se processou mudanças profundas em seu contexto além das citadas acima. Dessa expansão econômica e de efeito da expansão demográfica, segue a urbanização crescente e o andamento acelerado da industrialização, impulsionando o crescimento econômico e a efetivação de uma modernização no quesito produção.

Mesmo com a modernização a todo vapor, o único quadro que não se modificou foi o de exclusão social e racial, pelo contrário, houve aumento das desigualdades e a forte concentração de renda. A partir dos anos 80, há a nova organização de trabalho consequência da reorganização produtiva, decaindo os formatos vigentes de proteção de emprego mesmo tempo em que se manifestam novas alternativas de trabalho.

No Brasil, essas transformações da economia contribuíram para aprofundar a crise local, que se acirrou na década de 90, cujos sintomas principais foram a perda de postos de trabalho na indústria, a perda da qualidade dos empregos e o aumento da informalidade. (MEGÁR, 2006. p 79)

Ao que se refere às mulheres houve várias transformações relevantes; se sobressaíram com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, ao redor dos centros urbanos e a manutenção da mesma nos anos 80 que historicamente foi a explosão da mulher no mercado de trabalho com o acontecimento da necessidade econômica que intensificou com os salários se deteriorando e forçou ao aumento da renda familiar. Segundo Hirata (1997) o forte aumento de atuação feminina no mercado de trabalho era de suma importância para economia.

Por outro lado essa entrada das mulheres no mercado alterou a composição dos padrões de sociedade que era denominada patriarcal, já que se acompanhou o ingresso da mulher, a presença do feminismo e o aumento dos relativos papéis da mulher no social e público. Isso interferiu diretamente no desejo da mulher de se reproduzir, gerando uma queda na taxa de fecundidade e também aumento da escolaridade que elas possuíam, fazendo-as querer melhorias de vida como estabilidade através do ingresso na

universidade. Isso feria toda a essa ordem que tinha instaurado para a mulher e o homem seus papéis na sociedade.

Apesar disso, a divisão sexual do trabalho provocou uma centralização de trabalhadoras mesmo com a crise se instaurando e isso gerava persistência na luta da mulher por melhores condições e retirar na nossa sociedade essa referência distorcida da mulher. Essas teorias foram se comprovando com o aumento da concentração de mulheres ao mercado brasileiro nos anos 80, que foi responsável pela terceirização. Lobo (1991) também destaca um aspecto relevante quanto à concentração do trabalho feminino no setor terciário: os critérios que determinam a divisão sexual das ocupações. Nesse caso, remetem tanto ao nível das representações simbólicas que identificam as mulheres com os serviços sociais (educação, saúde, assistência social) quanto à desqualificação e fragmentação no processo de trabalho (bancárias).

As questões de gênero e cor/raça estão interligadas de maneira que não se desvencilha. É importante ressaltar que quando relacionada ao sexo institivamente se refere a desigualdades sociais explícitas. É uma questão a se discutir o porquê dessa ligação forte e até mesmo ressaltar suas diferenças e visões em comum. De acordo com análises vigentes, hoje trabalhadores negros e pardos chegam a ganhar menos que os brancos ainda que na mesma função, e essa argumentação é comprovada pelos gráficos apresentados.

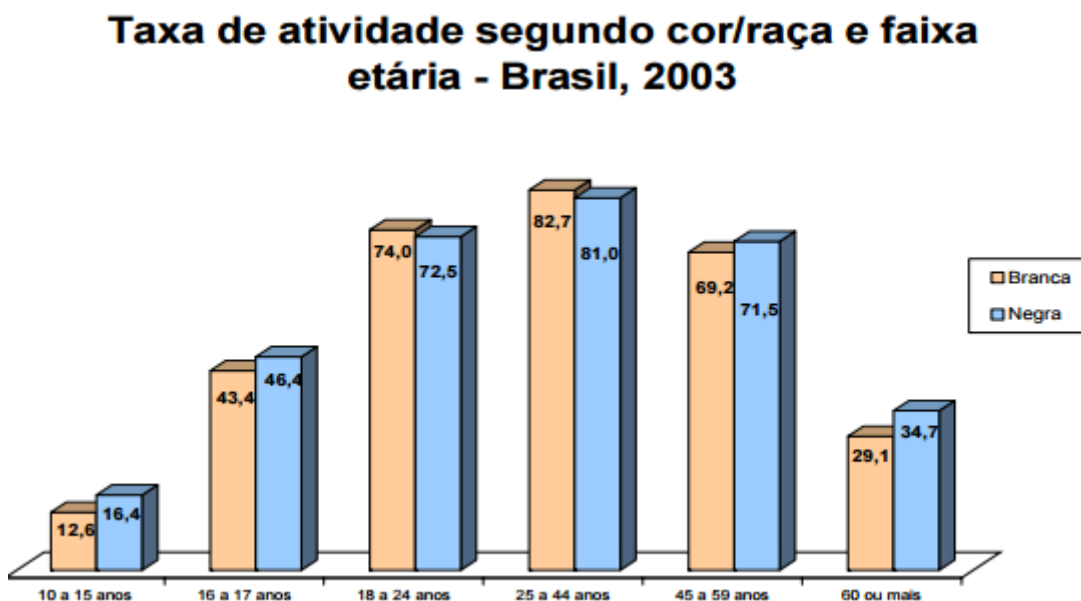


Tabela 140: Rendimento médio real habitualmente recebido no trabalho principal, segundo a cor ou raça, por regiões metropolitanas (em reais)* - a preços de dez/13

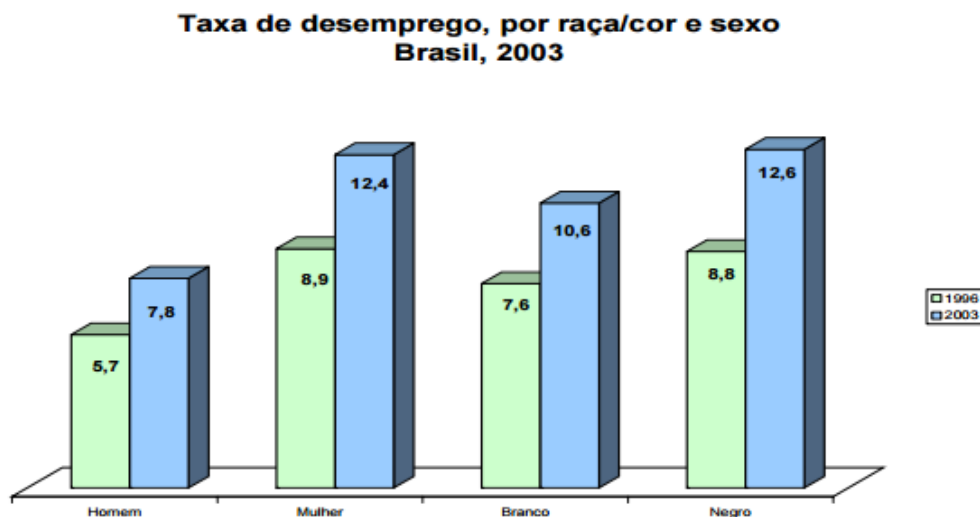
	Total	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
Branca							
2003	1875,19	1644,33	2704,03	1780,80	1853,34	1969,62	1466,41
2004	1858,43	1622,76	2589,50	1774,23	1838,33	1957,11	1473,53
2005	1903,28	1723,67	2429,72	1830,09	1918,53	2001,34	1454,34
2006	1960,69	1684,26	2534,58	1885,77	1948,84	2092,21	1506,10
2007	2039,54	1703,94	2555,53	1967,98	2076,56	2156,57	1579,73
2008	2103,88	1696,98	2734,98	2092,29	2186,29	2201,92	1617,00
2009	2170,31	1693,65	2742,73	2177,39	2253,73	2268,86	1680,08
2010	2248,81	1925,98	2779,09	2249,20	2448,26	2276,74	1797,26
2011	2295,08	1847,88	2893,18	2386,63	2571,61	2274,89	1847,47
2012	2361,92	1928,21	2998,31	2582,06	2591,43	2358,09	1881,36
2013	2396,74	1892,33	2523,49	2555,19	2656,86	2408,31	1975,26
Preta / Parda							
2003	907,98	824,27	872,41	901,69	957,89	932,83	885,99
2004	909,64	802,19	883,83	893,47	947,12	947,37	881,27
2005	922,26	798,35	909,56	904,32	954,00	965,38	881,85
2006	978,82	824,50	954,56	986,35	998,01	1028,53	921,42
2007	1011,52	857,17	993,25	1034,65	1035,41	1041,89	969,93
2008	1068,22	850,56	1049,78	1092,97	1105,53	1103,77	998,57
2009	1115,76	886,63	1120,89	1147,21	1164,65	1137,21	1076,39
2010	1191,27	989,18	1221,22	1222,65	1245,37	1196,08	1105,70
2011	1243,80	1044,46	1282,77	1267,00	1298,65	1244,43	1161,15
2012	1325,97	1150,18	1326,48	1391,34	1361,41	1328,65	1232,59
2013	1374,79	1193,19	1290,92	1415,89	1456,49	1386,46	1305,48

FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego
* Médias das estimativas mensais

Vendo graficamente, os indicativos são suficientes para comprovar que vivemos em uma sociedade ainda arraigada em conceitos racistas que se mantém sem busca de mudança. Ai fica meu questionamento baseado nesse gráfico: o que explica essa grande desigualdade que parece mínima só sobre o salário mas que se arrasta sobre outras camadas acarretando problemas? Quantas décadas teremos para nos adequar essa nova realidade?



Ao observar graficamente, estão apresentados os elementos comparativos que são referentes a cor e ao sexo e as taxas de desempregos. Há correlação entre eles de forma cíclica, e essa realidade se deve a sociedade que impõe seus valores arcaicos dando efeito indesejado e garantido a desigualdade hoje presente na sociedade, visivelmente. Percebe-se que no gráfico mulheres e negras ou negros visibiliza dificuldades de para se ocupar algum cargo da mesma especificidade que seria um homem ou até mesmo uma mulher branca.



Já esse gráfico mostra uma estrutura diferente, pois está enfatizando as características de gênero e cor; mas o enfoque é na condição de desemprego, a respectiva característica. Enquanto quase 8% de homens e 10,6% desses homens são brancos encontram desempregados, em 2003 a disparidade é gritante ao se retratar a situação da mulher que vai para 12,4% e 12,6% e acrescente negros nessa porcentagem. Percebe-se que o desemprego teve sua taxa preocupante e intensa foi destinada a mulheres e negros do que para população branca ou masculina. Ambos gráficos denunciam essa segregação visível e reforça argumentos dados a essa desigualdade.

1.3. Abuso e violência no mundo do trabalho

Outra questão complexa é o abuso sexual e moral, atingindo boa parcela da população feminina, principalmente a que se ocupa de cargos empregatícios tipicamente masculinos. Hoje isso é visto com mais seriedade do que tinha sido há décadas, quando a mulher, ocupando cargos semelhantes aos do gênero masculino, era banalizada.

Hoje na sociedade, apesar de obter seriedade, ainda assim se gera polêmica acerca do abuso, tanto moral quanto sexual no trabalho, já que a sociedade tende a culpar a mulher pelo ato ocorrido nesse abuso, sob circunstâncias de que a sociedade ainda é regada de pensamentos patriarcais e conservadores. Isso ocorre com muita frequência, por isso na hora de se tratar de um abuso de qualquer natureza, ele deverá ser

pensado delicadamente. Por isso trabalhamos com conceitos como o que é abuso, seu poder sobre a vítima e a figura masculina nessa situação toda.

A doutrina especializada tem dividido o assédio sexual em duas espécies, com características diferenciais bem marcantes, que são o assédio sexual por chantagem e o assédio sexual por intimidação”.⁶

Com relação ao poder e o assédio sexual, de início deve-se enfatizar suas obrigações com a empresa, entre elas a disciplina na base contratual ou até mesmo, se for o caso de funcionário público, as medidas são diferenciadas e não possui contrato, a repreensão é diferenciada como ordens expedidas escritas ou verbais, dependendo de seu agravante e sua hierarquia, isso como função disciplinar. Essas condições são para que não ocorram desigualdades discriminatórias no local de trabalho, e Arnaldo e Suüssekind deixaram sua opinião sobre essa ação punitiva por assim dizer:

De um lado, temos a faculdade do empregador de utilizar-se da força de trabalho do empregado – um dos fatores de produção de que dispõe – no interesse do empreendimento cujos riscos assumiu; de outro, a obrigação do empregado de se deixar dirigir pelos empregados, segundo os fins que este se propõe a alcançar no campo da atividade econômica.⁷

A partir dos questionamentos sob abuso, independentemente da sua natureza, entro com o assunto do papel e figura do homem nesse contexto. No modo que ocorra diariamente o trabalho, pode se ocorrer com o homem se caracterizando vitima, mas aí está a complexidade dessa figura, já que nessa sociedade patriarcal sua situação se torna rara, por essa imposição de valores inferioriza a mulher no seu trabalho, a transformando em objeto sexual.

Fazendo uma análise crítica, observamos que é raro esse assédio da figura do homem, já que na nossa cultura ele tem sua virilidade como privilégio e tem todo o patriarcado para “reinar”. A intenção aqui é mostrar que a mulher é sim a maior vítima de assédio no campo do trabalho, devido ao machismo que esta imbuído ideologicamente na estrutura da sociedade. Essas questões são mais graves quando a mulher (como ocorre na maioria dos casos) está em posição subalterna na hierarquia do trabalho, facilitando para que a mesma seja coagida. Tudo isto acompanhado de uma cultura que a culpabiliza.

⁶<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/13168-13169-1-PB.pdf>

⁷ibidem

O assédio moral e sexual está cada vez mais comum, porém mesmo sendo considerado ilegal, ele não é devidamente combatido, pois existem muitos fatos que contribuem para o silenciamento das vítimas. Por exemplo, a própria precarização do trabalho – pois como na atual conjuntura a rede de proteção a mulher é bastante falha, a vítima que em sua maioria pertence as classes subalternas, teme a perda do seu sustento e da sua família, acarretando no silêncio da mesma.

Por tudo isso, não podemos deixar de levar em consideração o que já foi falado nesse capítulo. A mulher tem uma dupla jornada de trabalho e, concomitantemente a isso, levando em consideração que estamos falando dessa sociedade patriarcal, ela é duplamente oprimida. Não podemos esquecer da violência existente no âmbito doméstico, onde muita das vezes ela também sofre violência psicológica e também sexual.

A seguir, daremos continuidade a nossa análise apresentando a pesquisa de campo realizada e a análise dos dados coletados, de forma a ilustrar a realidade apreendida nesse estudo.

CAPITULO 2 – Gênero e trabalho na contemporaneidade: o olhar das mulheres que exercem profissões tipicamente masculinas

Foram muitas as motivações que me levaram a desenvolver este trabalho. Inicialmente, esta pesquisadora participou de movimentos sociais voltados para questões de gênero, raça e etnia. As ações e atividades do Coletivo Menos Pausa⁸ fizeram com que emergisse o interesse por aprofundar os estudos sobre esta temática e pesquisar sobre esta realidade na atual conjuntura. É válido destacar que entre as ações do coletivo uma em especial foi bastante desafiadora e enriquecedora, a construção da primeira Marcha das Vadias da região dos inconfidentes, que aconteceu no ano de 2013. A intervenção supracitada teve como tema “Marcha das Vadias e feminismo negro”

É importante ressaltar ainda, que fui bolsista do projeto de extensão “Assistência Social e Relações Raciais na Cidade de Mariana e Ouro Preto : identidade, historia e empoderamento”, que era vinculado a um programa de extensão desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) durante o ano de 2014. Através das oficinas e atividades realizadas durante o projeto, tive a oportunidade de ampliar meu arcabouço teórico e prático. Devido ao contato com a população da região, foi possível articular todo o acúmulo teórico apreendido com a realidade. Assim, foi possível compreender o contexto no qual o assistente social atua, no âmbito das dualidades impetradas na sociedade capitalista, onde as opressões relacionadas a raça, etnia e gênero são apropriadas pelo sistema, assumindo novas roupagens e acirrando a questão social.

Outra experiência bastante relevante para a construção deste TCC foram os estágios supervisionados em serviço social, que foram realizados nos Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Volante Distrito e Cabanas, os dois no município de Mariana. Além da articulação teórico-prática, foi possível criar e desenvolver projetos de intervenção junto a população usuária de ambos os CRAS.

O primeiro projeto teve como tema “Empoderamento da População Quilombola do Distrito de Vargem e pertencimento étnico-racial”, desenvolvido no Cras Volante. O

⁸O Coletivo Menos Pausa foi fundado por mim e outros estudantes da graduação da UFOP, no ano de 2013 com a finalidade de atuar na realidade das mulheres que sofrem com o machismo na região dos inconfidentes.

projeto foi pensado a partir da observação das estagiárias de uma demanda que estava velada naquele distrito, uma vez que o local é de reminiscência quilombola, mas não se reconhecia como tal. Já o segundo projeto, “Café com Mulheres”, realizado no Cras Cabanas, teve como intuito criar um grupo, somente para mulheres, no qual aconteciam reuniões em um espaço seguro, onde se era possível aprender sobre o machismo e suas ramificações e, para além disso, trocar experiências e vivências acerca do tema proposto pela estagiária em questão. Estas atividades foram desenvolvidas durante os anos de 2014 a 2017.

Por tudo isso, o presente estudo foi construído com base em pesquisa bibliográfica articulada com as experiências empíricas da pesquisadora. A seguir, apresento a metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho e, finalmente, a análise dos dados coletados, em formato de diálogo entre as entrevistas realizadas e as/os autoras/es estudadas/os.

2.1 Metodologia

Para este capítulo foi utilizada uma pesquisa de campo qualitativa, a fim de ter uma amostragem da realidade das mulheres que exercem trabalhos “tipicamente masculinos”. A realização dessa pesquisa se deu por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturado., a fim de demonstrar o lado subjetivo e as experiências cotidianas dessas mulheres em seus respectivos locais de trabalho.

Inicialmente, foram feitas pesquisas bibliográficas sobre o tema em questão, propostas pela orientadora, para enriquecer o conhecimento e permitir uma perspectiva crítica, para que, ao final deste capítulo, possamos analisar a realidade das entrevistadas em diálogo com a bibliografia estudada.

A pesquisa de campo foi realizada com 4 mulheres em diferentes tipos de profissões tipicamente masculinas. Elaboramos um roteiro de entrevista com 8 perguntas abertas e, além disso, foi traçado o perfil socioeconômico das entrevistadas. O contato para a realização da pesquisa foi feito por meio de indicação, tendo as profissões como norte.

Submetemos às entrevistas a análise de conteúdo, e estabelecemos um diálogo entre elas e o conteúdo que já foi apresentado no primeiro capítulo deste trabalho. A seguir, demonstramos a interpretação dos dados coletados em campo.

2.2 Análise de dados

2.2.1 Perfil socioeconômico das mulheres entrevistadas

Antes de procedermos a análise das entrevistas, apresentaremos o perfil socioeconômico de cada mulher entrevistada. Ressaltamos que, com vistas a preservar a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa, elas serão identificadas a partir de sua profissão. A tabulação das informações foi realizada com base nas informações concedidas na ficha do informante (vide Apêndices).

Profissão	Carcereira
Idade	39 anos
Estado civil	Casada
Escolaridade	Superior
Média da renda familiar	Não respondeu
Possui filhos? Quantos?	2
Cidade natal	Ouro Preto
Formação profissional	Pedagogia

Profissão	Empresária
Idade	38
Estado Civil	Casada
Escolaridade	Superior e Pós-graduação
Média de Renda Familiar	18 mil
Possui filhos? Quantos?	Sim 1
Cidade Natal	Belo Horizonte
Formação Profissional	Administração

Profissão	Geóloga
Idade	25
Estado Civil	Solteira
Escolaridade	Superior
Média de Renda Familiar	7,5 mil
Possui filhos? Quantos?	Não
Cidade Natal	Sete Lagoas
Formação Profissional	Geologia

Profissão	Zootecnista
Idade	31
Estado Civil	Solteira
Escolaridade	Mestre
Média de Renda Familiar	Não Respondeu
Possui filhos? Quantos?	Não
Cidade Natal	Sete Lagoas
Formação Profissional	Zootecnia

2.2.2 Análise das Entrevistas

A primeira pergunta questiona as entrevistadas sobre o que motivou a escolha da profissão escolhida.

Por ser filha de empresário e crescer neste meio, desde de criança convivo com a realidade empresarial. E desde então sabia que queria seguir os passos dele. (EMPRESÁRIA)

Estilo de vida do Geólogo (GEÓLOGA)

Amor por fazenda e animais (ZOOTECNISTA)

A estabilidade e renda (CARCEIRA)

Observando as respostas das entrevistadas, podemos notar que todas tiveram “liberdade” ao escolher a profissão. Na atual conjuntura, podemos observar grandes conquistas das mulheres através das lutas feministas, que possibilitaram maior autonomia para as mulheres do que nos primórdios de nossa sociedade. Na sociedade patriarcal, as mulheres eram primeiramente subordinadas ao pai, para depois, na vida adulta, serem subordinadas ao seu marido. O seu ser social e a sua subjetividade não eram respeitados, tampouco poderiam ser exercidos, e caso isso ocorresse elas sofriam com todas as opressões da sociedade e os grupos sociais do qual estavam inseridos.

É importante salientar que, mesmo nos dias atuais, ainda vivenciamos uma sociedade patriarcal, porém com uma nova roupagem, bastante diferente daquela vivenciada no Brasil dos anos 1920. Hoje nós mulheres vivemos uma “liberdade limitada”, pois se é permitido votar, vender sua força de trabalho e “escolher para quem vender”, divórcio e etc. Mas tudo isso hoje nos é “concedido” sem abrirem mão do privilégio e dominação masculina, tanto no âmbito do trabalho quanto no familiar. O capitalismo se apropriou das diferenças de gênero, a fim de tirar vantagem desta subalternização, conforme já debatido no primeiro capítulo.

Práxis feminista é manter-se em uma posição de autonomia diante das estruturas patriarcal-capitalistas que singularizam a condição de subalternidade das mulheres na sociedade, como tem sido historicamente o papel do Estado. Isto porque as reivindicações do movimento feminista de diferentes formas têm como primeiro interlocutor as estruturas governamentais, na condição de formuladoras e executoras de políticas públicas. (CISNE,2008, p. 72)

Destacamos a importância da compreensão da natureza contraditória – portanto, limitada e transitória – da reivindicação por políticas e programas sociais na luta pela emancipação humana, em particular, no processo de autodeterminação das mulheres. Concordamos com Cisne (2008) que a emancipação das mulheres, como já delineamos, exige a construção de outra sociedade

Os locais da mulher no mercado de trabalho se dão de várias formas. Ele pode estar demarcado por questões étnico-raciais, de idade, de divisões de classe, e ser cada vez mais diferenciado. As mulheres que conseguiram chegar ao ensino superior têm mais possibilidade de ascender aos empregos qualificados, ainda que este acesso raramente esteja ligado a postos de decisões nas hierarquias.

A porcentagem de mulheres que ocupam empregos qualificados ou postos de decisão aumentou 155% entre 1981 e 1991, contra 33 % de aumento por homens. Nesses últimos anos, houve uma real transformação: mulheres, especialmente as mais jovens, alcançaram seus pares masculinos no acesso ao diploma com, por exemplo, um número equivalente de rapazes e de moças no primeiro ano das universidades), e essas mulheres ingressaram progressivamente em níveis mais altos no mercado de trabalho (HIRATA,2003.P259).

A segunda pergunta aborda sobre a tripla jornada de trabalho das mulheres na atualidade, e como é recorrente essa divisão na contemporaneidade.

Sim, com certeza tento me dividir entre empresa, marido e filho. Mesmo tendo babá me esforço para ser uma mãe presente e uma esposa atraente. Sobre a educação do nosso filho, tarefas como olhar o dever de casa, levar a atividades fora da escola como natação e futebol é tudo dividido com o meu

marido, na verdade por eu ter um cargo na gerência na empresa em que trabalho, faço muita hora extra. Logo meu marido as vezes acaba fazendo mais essa parte. Entretanto, ele não sabe cuidar do lar e acaba sobrando para mim, fazer supermercado, coordenar o que deve ser feito com os funcionários do lar. Creio que isso ocorre porque nós mulheres conquistamos nossa independência financeira, mas também queremos fazer nossas obrigações do lar pois somos forte o suficiente para dar conta de tudo isso. (EMPRESÁRIA)

Tenho uma ajudante para realizar as tarefas domésticas, porém sempre existem tarefas que preciso realizar, procuro dividir as tarefas em minha casa bem como a educação das crianças, visando a construção de valores e princípios. Mas acredito que está ainda seja uma prática muito comum em nossa sociedade devido a cultura machista ainda muito marcante em nossa sociedade. (CARCEREIRA)

É bastante intrigante reparar que ambas as entrevistadas tem um perfil de “mulher 360”. Ou seja, é o perfil de mulher que aceita e reproduz o padrão de comportamento de “mulher ideal” imposto pela sociedade. O ser social destas mulheres é pautado na independência financeira, pois elas trabalham fora de casa, mas também não deixam de se responsabilizar pelas demandas do lar, da casa, marido e filhos. Continuam a zelar pelas atribuições tipicamente femininas, inclusive no que tange ao ser mulher “feminina e atraente para o sexo oposto”.

Com o sistema capitalista neoliberal as exigências do mercado de trabalho se acirram mais com o neoliberalismo, e as mulheres tem que se esforçar mais para conseguir o seu ‘lugar ao sol’ no mercado de trabalho. Muitas dessas mulheres, para conseguir lidar com a tripla jornada de trabalho, acabam terceirizando os a fazeres do lar, contratando outras mulheres, afim de corresponder as expectativas da sociedade de dar conta de todas as suas jornadas de trabalho. Essas atribuições são tidas como naturais das mulheres, isso muito vezes acaba acarretando na culpabilização daquelas que não conseguem atender todas as demandas que lhe são impostas. É o que podemos perceber na fala da EMPRESÁRIA, quando relata que “se esforça para ser uma mãe e esposa presente e atraente”.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da divisão de diferentes papéis, que a sociedade espera ser executado pelos diferentes sexos. A sociedade determina, com bastante ênfase, os meios onde pode atuar a mulher, e do mesmo modo os terrenos onde pode atuar o homem. O cuidado com os filhos constitui uma atribuição tradicionalmente realizada por mulheres. Mesmo essa realizando trabalho fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de criar e

preparar os filhos para a vida adulta. A sociedade permite a mulher subordinar esta função a outra mulher, sendo esta do seio familiar ou uma outra assalariada (SAFFIOTI, 1987).

Entretanto essa “permissão” só é legitimada quando a mesma precisa buscar fora do lar o sustento para seus filhos ou complementar a renda do marido. É observado que nas classes dominantes essa delegação de tarefas a outras mulheres não necessita de legitimação da necessidade de trabalhar. As mulheres mais elitizadas podem desfrutar de uma vida mais ociosa, pelo menos no que tange ao trabalho manual e a educação dos filhos. No entanto, esta mulher não está imune de guiar as crianças, e do mesmo modo supervisionar o trabalho de serviçais contratados. Se faz evidente que as mazelas das mulheres se diferenciam de acordo com a sua classe social (SAFFIOTI, 1987).

Se a operária gasta duas horas por dia no trânsito, mais oito na fábrica, e quatro nos serviços domésticos, a burguesa dispõe de serviçais que executam os trabalhos domésticos da residência. No seio das classes médias é grande a diferenciação. Nestas classes, dada a enorme variação de renda que comportam encontram-se desde de mulheres dona de casa, que se dedicam exclusivamente aos cuidados da residência, do marido e dos filhos, até aquelas que trabalham fora. Dentre estas últimas também há gigantescas diferenças. Há secretárias, cujo irrisório salário não lhes permite contratar nenhum tipo de auxiliar para execução dos serviços domésticos. Outras trabalhadoras, em virtude de seu nível de renda, só podem contratar empregados em tempo parcial ou faxineiras. (SAFFIOTI, 1987, p. 9)

Independente do trabalho exercido pela mulher, seja ela de qualquer das classes sociais – ou mesmo aquelas que trabalham no setor de serviços dentro do lar, fazendo doces, salgados, costura etc – todas elas estão imputadas pela sociedade pelo dever de tratar do lar. Esta tarefa se tornou base da identidade feminina e tornou-se tão natural quanto a capacidade da mulher de gerar filhos.

A CACEREIRA e a EMPRESÁRIA apontam ter consciência de que vivemos em uma sociedade machista, porém se faz notório que ambas não se percebem reproduzindo essa lógica, pois para elas os papéis femininos foram naturalizados. É importante ressaltar que, como podemos notar no quadro de perfil socioeconômico das duas entrevistadas, que estas mulheres são mães e se encontram casadas. Ao analisar a fala delas juntamente com a da GEOLOGA, é possível contrapor perfeitamente a sua perspectiva da realidade, no que tange às implicações da vida de mulher casada. A resposta da mesma sobre a questão foi:

Não ocorre comigo, pois não tenho filhos. Acho que isso ocorre porque estamos em um momento de transição cultural. Antes a mulher era responsável pelos afazeres doméstico e não trabalhava fora agora, nesse novo recorte em que trabalhamos fora e contribuimos financeiramente com as contas da família é justo que as tarefas de casa e criação dos filhos seja dividida por igual, mas como em sociedade ainda existem homens criados em modos antigos e machistas isso não acontece sempre. (GEOLOGA)

Fazendo um resgate ao quadro sócio-econômico da GEOLOGA se percebe que a mesma é solteira e apresenta pouca idade, além disso não teve uma vivência empírica sobre esta realidade. Ambas as demais entrevistadas são independente financeiramente, e nem por isso deixaram de estar sujeitas as imposições de papéis impostos pela sociedade, como podemos ver no que foi salientado pela autora Saffioti. A cobrança sobre o padrão comportamental é inerente a todas as mulheres.

A atual conjuntura proporcionou o avanço dos movimentos sociais que acarretaram no questionamento e na desconstrução de preconceitos históricos contra as mulheres. Porém, a sociedade legitimou alguns aspectos dessa desconstrução, mas sem perder seu alicerce cristão onde os papéis estabelecidos para as mulheres se mantiveram. Tudo isso ressalta a dualidade existente entre direitos e opressões sentidos pelas mulheres na contemporaneidade.

Desse modo, apesar da complexidade das relações sociais e dos múltiplos elementos nelas envolvidos, o mundo ocidental cristão a uma divisão dicotômica do mundo (pobre\rico, alto\baixo, homem\mulher, branco\negro, produção\reprodução, público\privado, entre outros). Isso se refletiu no mundo do trabalho, no qual coube ao homem o espaço da produção e do domínio público e, à mulher, o espaço da reprodução e a esfera privada. (LIMA, 2012. P 109)

Na fala da Zootecnista, podemos observar que ela exemplifica a realidade relatada na citação e na explanação acima:

Como não tenho filhos e nem sou casada não passo por isso, mas observo essa situação com a minha mãe e familiares e sei que ela é bem corriqueira em nossa sociedade. Percebo que mesmo na contemporaneidade ainda existem famílias que presam por preservar os “bons costumes”, e isso ao meu ver está atrelado ao machismo é claro, mas também a religião. (ZOOTECNISTA).

Na pergunta 3 as entrevistadas foram indagadas sobre a diferença entre homens e mulheres existentes exercendo a sua profissão, e por que isso ocorre. Para além, por

que a sua profissão é considerada tipicamente masculina. A partir das respostas de CARCEREIRA e EMPRESÁRIA, podemos estabelecer um diálogo entre suas falas.

Uma diferença enorme, A proporção de vagas destinadas para mulheres é muito inferior a dos homens, bem como os cargos de chefia são na sua maioria destinados aos homens. As atividades desempenhadas são consideradas masculinas, e muitas vezes até a própria mulher se inferioriza. Temos um caminho longo pelo minha profissão. (CARCEREIRA).

Trabalho em uma grande empresa nacional, e além de mim só existe mais outra colega em cargo de chefia como o meu na sede em que trabalho. Cargos de poder geralmente são exercidos por homens, pois a nossa sociedade ainda é muito machista e acredita que homens têm mais “pulso firme que mulheres”, por isso são melhor administradores (EMPRESÁRIA)

De acordo com Lima (2012, p.73):

Percebe-se que os homens, facilmente, sobem de cargos enquanto as mulheres têm enorme dificuldade de ascender dentro da empresa. Com exceção do escritório, que exige maior qualificação e é onde predominam as mulheres, para cargos que exigem menor qualificação como no atendimento ao cliente, preferem-se as mulheres. Contudo, elas geralmente não almejam cargos de gerência, líder ou qualquer outra função de liderança, porque acreditam ser impossível uma delas ocupa-los.

É válido destacar que a pesquisa de Lima (2012) foi realizada com um grupo de mulheres que estão inseridas no mundo do subemprego, o que se diferencia da realidade das entrevistadas nesta pesquisa, pois todas têm nível superior, como se pode observar nos quadros socioeconômicos. O que percebemos é que quanto mais subalterna a classe, menos possibilidade de ascensão social e profissional. Logo, as aspirações de mobilidade social que, mesmo limitadas, ainda existem em nossa sociedade neoliberal.

Desse modo, como salienta Saffioti (1987), as mulheres, pelo simples fato de serem, vivenciam opressões semelhantes. Todavia, elas se dão em maior e menor grau de acordo com a classe social que a mesma ocupa. A mulher rica que “deve obediência ao marido” ainda lida com menos opressões do que o homem da classe proletária e que também sofre bem menos que as mulheres negras e pobres.

Dessa forma, fica claro que o patriarcado-racismo-capitalismo beneficia, em primeiro lugar, o homem rico, branco e adulto. Em segundo plano, na ordem dos beneficiados, vem a mulher rica, branca e adulta. Esta segunda posição é

bastante diversa da primeira, uma vez que envolve a dependência da mulher em relação ao homem. De que forma, a mulher burguesa sofre em situação de maior conforto que a mulher pobre (SAFFIOTI, 1987.P 67).

Ao conciliarmos as respostas da GEOLOGA com a da ZOOTECNISTA, descobrimos que ambas tem como norte em sua argumentação a perspectiva da capacidade de força da mulher em relação a força do homem, como podemos notar a seguir:

Sim com certeza, e isso é perceptível desde a graduação. O ambiente rural por ter muitas questões braçais é tido como “trabalho pra cabra macho”. (ZOOTECNISTA)

Não vejo diferença em proporção homens e mulheres na minha sala de aula, porém acho a profissão tipicamente masculina sim, por se tratar de sempre estar em campo, carregar caixas muito pesadas (de furo de sondagem), ir para o mato e carregar muitas amostras de rochas... em força física o homem é, em sua maioria mais qualificado que a mulher. Mas nem só disso vive o geólogo e ainda existem muitas geólogas e aspirantes a geólogas mulheres. (GEOLOGA)

De acordo com Saffioti:

Presume que, originalmente, o homem tenha dominado a mulher e pela força física. Via de regra, esta é maior nos elementos masculinos do que nos femininos. Mas, como se sabe, há exceções a esta regra. Variando a força em função da altura, do peso, da estrutura óssea da pessoa, há mulheres detentoras de maior força física que certos homens. (SAFFIOTI, 1987.P 12)

Em uma sociedade primitiva, onde as tecnologias e os instrumentos de trabalho não são bem desenvolvidos, ser detentor de força física é uma grande vantagem e necessidade. Ou mesmo quando pensamos no século XX, onde os maquinários existentes ainda exigiam uma grande força bruta do seu operante, a força física era um grande determinante para realização de algumas específicas tarefas. Quando analisamos por esta via de pensamento. levando em consideração os dias atuais, onde as tecnologias isentam o homem da necessidade de utilizar a sua força física., esta argumentação cai por terra.

A força desta ideologia da “inferioridade” da mulher é tão grande que até as mulheres que trabalham na enxada, apresentando maior produtividade que os homens, admitem sua “fraqueza”. Estão de tal maneira imbuídas desta ideia da sua “inferioridade”, que se assumem como seres inferiores aos homens. (SAFFIOTI, 1987. P 12)

Ainda segundo a autora, os fatos históricos indicam que o mero fato de a mulher deter, em geral, menos força física que o homem não seria suficiente para “decretar” sua “inferioridade”. Para ilustrar esta questão, ela evoca o fato de que em todos os momentos de engajamento de um povo em uma guerra, os homens são destinados ao combate, enquanto as mulheres assumem as funções anteriormente desempenhadas por eles. Ou seja, as mulheres podem exercer as funções tipicamente masculinas quando convém ao sistema capitalista (SAFFIOTI, 1987).

Desta sorte, até na guerra a mulher provou a sua capacidade. Lamentavelmente, esta parece ser a atividade que trabalha mais velozmente para minar a ideia de que a mulher é “inferior” ao homem. É lamentável, repita-se, que o ser humano, no caso o homem só venha reconhecer na mulherum seu igual através da atividade de guerra, quando há milhares de outros setores de atuação humana em que mulheres se mostram capazes.

Do ponto de vista biológico, o organismo feminino é muito mais diferenciado que o masculino, estando já provada sua maior resistência. Tanto assim é que as mulheres, estatisticamente falando, vivem mais que homens. A sobrevivida feminina em relação aos homens já alcançou oito anos nos EUA, estando entre cinco e seis no Brasil. É bem verdade que à medida que se introduzem fatores de risco- tabagismo, tensão nervosa provoca pela competição no trabalho e ou pelo pesado tráfego das grandes cidades, pela duplicação da jornada de trabalho (no lar e fora dele) as vantagens femininas ficam reduzidas. (SAFFIOTI, 1987.P 13).

Portanto, diferente do que foi apresentado nas falas das entrevistadas, baseando nas informações trazidas pela autora, podemos observar que a argumentação que é reproduzida pelo “senso comum”, de que a mulher é inferior ao homem, é construída socialmente e não é um fator determinado por questões biológicas, como já foi demonstrado por Saffioti.

Não se trata contudo, de desejar provar qualquer superioridade da mulher em relação ao homem. O argumento biológico só foi utilizado a fim de mostrar a ausência de fundamentação científica da ideologia da “inferioridade” feminina. Por outro lado, este argumento serve também para revelar, mais uma vez, a elaboração social de fenômenos orgânicos, portanto, naturais. Ademais, a elaboração ideológica caminha em sentido oposto ao das evidências orgânicas, pois tabuas da vida da maioria esmagadora dos países mostram que as mulheres são mais longevas que os homens. (SAFFIOTI,1987.P13)

A quarta pergunta foi: Por que você acha que a sociedade considera a sua profissão ideal para o sexo masculino?

Como disse na questão anterior a nossa sociedade acredita que nos mulheres somos mais frágeis e emotivas, por isso “não somos aptas” para as pressões do mundo empresarial. (EMPRESÁRIA).

Na minha profissão em específico, atribuo isso a complexidade das atividades a serem desempenhadas. Lidamos com situações de risco no nosso cotidiano, as tarefas requerem na sua maioria um preparo físico muito bom, e o ambiente carcerário é na sua maioria masculino (CARCEREIRA).

Pela necessidade de usar a força física, já que a profissão mescla muito conhecimento e muita técnica. Mas enfatizo que nem só de força vive o geólogo. (GEOLOGA)

Ser mulher tem significado ter de estar sujeita às regras dos homens, como consequência do modelo patriarcal. Toda a cultura ocidental, alicerçada sobre valores greco, judaico e cristãos, foi formada no mais puro patriarcalismo. Assim, o lugar das mulheres na divisão social do trabalho nunca foi pautado pela técnica, pelo saber, mas por questões de status, que atribuem aos homens os postos de comando, de administração e, as mulheres, as tarefas de auxiliares, de ajudantes, os trabalhos execução ou, por outro lado, tarefas que reproduzem no mercado de trabalho, aquilo que “naturalmente” elas já sabem fazer: cuidar de doentes e pobre, educar crianças, reforçando, portanto, papéis e funções sociais “destinados” as mulheres. Esta divisão sexual do trabalho destina as mulheres, quase sempre, os trabalhos subalternos (LIMA 2012).

Desse modo, incentiva-se as mulheres a buscarem profissões nas quais possam servir, cuidar e\ou ensinar. E as próprias mulheres pela foram criadas\educadas, se sentem “vocacionadas” e são levadas a tais escolhas. Mesmo quando as mulheres se inserem em profissões que contrariam essa lógica, evidencia-se a necessidade de se reafirmar enquanto sujeito e “ser profissional” para justificar a ocupação dela naquele espaço que não lhe “destinado” e conseguir o seu “devido respeito”.

A fala da Zootecnista corrobora com as ideias que foram explanadas até aqui nessa questão:

Desde os primórdios da sociedade o trabalho no campo era realizado por homens, o mais perto que as mulheres chegavam era para tirar leite das vacas e tratar das galinhas. E infelizmente esta ideia se propaga nos dias atuais. (ZOOTECNISTA)

A questão 5 debatia sobre a diferença salarial entre homens e mulheres, e se isso ocorria no local de trabalho delas. Para além disso, a pergunta se estendeu em questioná-las do porquê de isso acontecer com algumas mulheres.

O sistema capitalista do qual estamos inseridos, se apropria das questões de gênero, assim como já foi demonstrado nessa pesquisa, pois ele vê nos “diferentes” uma maneira, uma brecha, para poder explorar mais, e assim extrair uma maior mais-valia. Entretanto, com a forte pressão do movimento feminista, o sistema neoliberal teve que se adaptar e fazer sua apropriação de forma velada. Utilizando da “ideologia e conceitos naturalizados” para justificar a diferença, no que tange a lidar com as mulheres no mercado de trabalho.

A forma como se dá a divisão social do trabalho contribui para uma reprodução social alienante; como os grandes burgueses detém os meios de produção e muitas mulheres trabalham no setor de serviços, as trabalhadoras já não se reconhecem no “produto que é produzido”. Para além disso, o modo como é dividido e categorizado o “sistema de produção”, faz com que exista uma grande divisão de cargos e funções, impossibilitando mensurar se os ganhos se dão de modo igualitário. Como podemos observar na fala das entrevistadas:

Existe diferença salarial sim, mas não posso afirmar que somente o sexo seja o responsável por essa diferença. Creio que isso ocorre porque as empresas sempre tentam conseguir a mão de obra mais barata possível (EMPRESÁRIA).

É difícil mensurar isso pelo menos no meu local de trabalho, pois temos funções diferentes. Imagino que isso ocorra porque a sociedade tem muito que evoluir no que tange às questões sobre o machismo e direito das mulheres (ZOOTECNISTA).

A continuidade está na busca de atribuir visibilidade à *alienação*, indissociável do capital em relação social reificada, reposta do pensamento fetichista que transforma relações sociais, baseada nos elementos materiais da riqueza em atributos de coisas sociais (mercadorias) e converte a própria relação social em coisa, expressa no equivalente geral, o dinheiro. Ou seja na sociedade burguesa, quanto mais desenvolve a produção, mais as relações sociais se alienam dos próprios homens, confrontando-se como potências externas que os dominam. Essa inversão sujeito e objeto, inerente ao capital como relação social, é expressão da histórica da auto-alienação humana. Resulta na progressiva *reificação* das categorias econômicas, cujas as origens encontram-se na economia mercantil. (IAMAMOTO,2011. P30).

Diferente das demais entrevistadas a GEOLOGA não dissertou sobre a existência de diferença salarial, dando uma resposta bastante evasiva sobre a questão:

Não creio que haja diferença salarial (GEOLOGA).

É válido salientar que o mundo do trabalho é bastante múltiplo, existe um tipo de trabalhador que possui privilégios em relação a outros, que são os trabalhadores concursados, que mesmo no sistema neoliberal, por enquanto, não sentem menos a precarização do trabalho. No que tange a questão salarial, é a modalidade mais justa que existe na atualidade, por não existir diferença salarial para quem exerce a mesma função, como podemos averiguar com a fala da entrevistada que é concursada.

Não existe diferença salarial na minha profissão. A diferença salarial ainda existe, devido a cultura machista ainda ser predominante, por a sociedade ainda acreditar que a mulher é inferior ao homem (CARCEIREIRA).

A questão 6 interpelava sobre a diferença de tratamento entre homens e mulheres no local de trabalho, e ainda se as mesmas já vivenciaram alguma situação de assédio:

Assédio não, mas o preconceito acontece desde a graduação com piadinha dos professores com as poucas mulheres que tinham em sala de aula. E a dificuldade permanece no mercado de trabalho pois poucos querem contratar mulheres, duvidam da nossa capacidade e temos que estar nos superando constantemente por este motivo fiz mestrado e só consegui emprego depois disso. Enquanto meninos da minha classe não tiveram a mesma dificuldade, tenho amigas desempregadas até hoje, e muitas delas entraram no mundo dos concursos devido ao pé de igualdade existente nele (ZOOTECNISTA).

Sim, percebo que tenho que me esforçar mais que meus colegas de trabalho para mostrar o meu potencial e ser respeitada por todos (EMPRESÁRIA).

Como Antunes (1995) salienta, nessa múltiplaprocessualidade, de um lado, verifica-se uma drástica redução do operariado industrial e fabril e, de outro, uma expressiva ampliação do assalariamento no setor de serviços, o aumento do subproletariado presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, e subcontratado. Tal processo conforma uma maior heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora, expressa por exemplo, na crescente incorporação do contingente feminino no mercado de trabalho. Junto à essa tendência, o

mais evidente resultado dessas transformações é a expansão do desemprego estrutural. A reestruturação produtiva afeta radicalmente a organização dos processos de trabalho, consumo e gestão da força de trabalho, as condições e relações de trabalho, assim como conteúdo do próprio do trabalho. Envolve a intensificação do trabalho e a ampliação da jornada, a redução de postos de trabalho e precarização das condições e direitos do trabalho.

Na atual conjuntura podemos observar que cada vez mais temos um maior número de pessoas fora do mercado de trabalho. E isso também ocorre com aqueles que tem nível superior, como podemos observar na fala da ZOOTECNISTA. A burguesia, na atualidade, conta com um “ exército industrial de reserva qualificado”. Entretanto, quando observamos quem mais fica a “margem” do mercado, percebemos que essa problemática é mais sentida pelo contingente de trabalhadoras. E quando essas mulheres escolhem profissões tipicamente masculinas, essa dificuldade aumenta. A partir disso, se tem toda uma cobrança da sociedade para mostrarem o “seu merecimento” para ocupar aquele lugar, que na visão machista e misógina do sistema não lhes é de direito.

De fato, se a formação dos homens e das mulheres se aproximou, a valorização dos diplomas femininos continuam difícil. Quando elas têm o mesmo nível de escolaridade dos homens, ascendem globalmente a empregos menos qualificados e, quando exercem as mesmas profissões e Categorias Sociais (PCS), elas são *superdiplomandas*(HIRATA, 2003, p. 67).

Quando observamos a fala das outras duas entrevistadas, podemos observar uma diferença gritante entre elas. Uma com o emprego concursado, e a outra com uma realidade de uma empresa terceirizada:

Já passei por situação de assédio sim, não na empresa que trabalhei mas na terceirizada que estava furando um poço artesiano na mina. Relatei ao geólogo (era estagiária) e eles pararam de mexer comigo depois da "bronca" que levaram (GEOLOGA).

Nas relações de trabalho nunca sofri assédio ou tive tratamento diferente (CARCEREIRA).

Por um lado, um grupo central, proporcionalmente restrito, de trabalhadores regulares, com cobertura de seguros direitos e pensão, dotados de uma força de trabalho de maior especialização e salários relativamente elevados. Por outro lado, um amplo grupo periférico, formado de um contingente de trabalhadores temporários e\ou de tempo parcial, dotados de habilidades facilmente encontráveis no mercado, sujeitos a ciclos instáveis da produção e dos mercados. A ampliação de trabalhadores temporários expressa o momento da subcontratação de pequenas empresas, que agem como escudo protetor das grandes corporações, enquanto transferem os custos das

flutuações dos mercados à externalização da produção (IAMAMOTO,2011.P 119).

Não podemos fazer tal afirmação, mas sim explanar ideias sobre o porquê de uma funcionária que tem segurança e estabilidade no trabalho não passar por situação de assédio. É sabido que o assédio pode ocorrer em qualquer local e com qualquer categoria profissional, e pode se manifestar das mais variadas formas. Todavia, quando comparamos com a realidade de quem presta um trabalho em uma empresa terceirizada, encontramos uma situação de vulnerabilidade bem maior, no tange a perspectiva de direitos trabalhistas e precarização das condições de trabalho. E principalmente o fato de que na maioria dos casos se trata de trabalhos temporários, abre uma brecha facilitadora para que questões como assédio possam ocorrer.

A questão 7 perguntava para as entrevistadas sobre o que foi necessário mudar na personalidade delas para conquistar respeito no local de trabalho:

Eu me dou bastante ao respeito, desde o modo como me visto e na forma de tratar os colegas. Me tornei uma pessoa muito mais firme, e “impiedosa” com os erros cometidos pelos meus funcionários, para não ser tachada de mulher sentimental (EMPRESARIA).

Para obter o respeito dos donos de fazenda tive que perder “minha essência feminina” e me masculinizar bastante, pois antes eles sempre me viram como frágil e delicada demais para o serviço. Estudei muito para me destacar nas pesquisas de inseminação e consegui o respeito de todos (ZOOTECNISTA).

Desde o nascimento a educação das crianças se dá de um modo bem determinado no que tange as diferenças do sexo. A bola é para os meninos e a boneca e fogãozinho para as meninas, afim de determinar desde cedo quais são os seus papéis. A vestimenta das meninas é bastante diferenciada da dos meninos e demonstram muito bem “quem é homem, quem é mulher”. Outras diferenças que se dão de uma maneira velada,são atitudes comportamentais como jeito de falar, andar, sentar,etc, que são moldados nos seres sociais desde o início de sua vida.

Os modelos de feminino em nossa sociedade são criados a partir de símbolos antagônicos:Eva e Maria, bruxa e fada, mãe madrasta. Essas definições propõem o que é bom para as mulheres e culpam-nas quando não correspondem esse padrão. A partir da consolidação do capitalismo, existe a ideia de que ocorre uma divisão entre esfera pública e privada, sendo que a esfera privada é considerada como lugar próprio das mulheres, do doméstico, da subjetividade, do cuidado. A esfera pública é considerada como espaço

dos homens, dos iguais da liberdade do direito (FARIA e NOBRE,1997.P 10).

A forma como esses padrões comportamentais são naturalizados em nossa sociedade faz com que aja uma culpabilização entre as mulheres quando elas não correspondem a essas expectativas. Ou pior, quando se trata de mulheres exercendo profissões tipicamente masculinas, para conseguir o respeito que deveria ser um direito inerente a todos os seres, acaba ocorrendo uma “inversão de papéis” como vemos na fala das entrevistadas.

As crianças são levadas a se identificarem com modelos do que é feminino e masculino para desempenharem os papéis correspondentes. Os atributos às mulheres não são diferentes dos do homem, são desvalorizados. Por isso, as mulheres vivem em condições de inferioridade e subordinação em relação aos homens. Usamos a expressão *identidades de gênero e relações de gênero*, deixa bem claro que as desigualdades entre homens e mulheres são construídas pela sociedade e não determinadas por diferenças biológicas entre os sexos. Elas são uma construção social, não determinada pelo sexo (FARIA E NOBRE, 1997.p 10)

É importante ressaltar que compreender que existe uma construção social no padrão comportamental dos gêneros, não é necessariamente fazer uma negação a ciência. Pois sabemos que a subjetividade do ser está atrelada a uma via de mão dupla, o gênero também tem uma compreensão e uma expressão biológica como questões hormonais, fisiológicas e etc.

Para a mulher, ainda é considerado ser mais adequado ser meiga, atenciosa, maternal frágil, dengosa, e do homem o que ainda se espera, é que tenha força, iniciativa, objetividade, racionalidade. (FARIA e NOBRE, 1997. P11)

Quando pensamos na fala da CARCEREIRA e da GEOLOGA percebemos uma grande diferença de postura das entrevistadas citadas acima. Percebemos um posicionamento de resistência a imposição do sistema, mesmo que esse ato não seja colocado de forma consciente, ainda é valido ressaltar que ele existe e ajuda a impulsionar uma mudança na nossa realidade como um todo.

Eu não mudei minha personalidade em nada. Não acho que não fui respeitada por ser mulher, e sim por não possuir conhecimento na área. Como eu era estagiária queria aprender tudo e não tinha muito conhecimento para oferecer (GEOLOGA).

Nunca. Quando entrei no sistema prisional determinei pra mim mesma, que não mudaria a minha essência em nada, Conquistei meu espaço sendo eu mesma, mantendo a minha personalidade, baseando as relações em muito respeito, pois acho que seja esse o grande segredo em qualquer lugar, em qualquer relação (CARCEREIRA).

A última pergunta indagava as entrevistadas sobre que conselho elas dariam para as mulheres que pretendiam exercer uma profissão tipicamente masculina, como podemos observar a seguir:

O conselho que dou é o que eu prego para mim mesma, quando a gente tem postura firme e domina o assunto todo mundo respeita a gente. Independente do sexo (GEOLOGA).

Que elas se mantenham firmes, afinal muitas de nós somos “MAIS MACHO QUE MUITO HOMEM”. E temos força para trabalhar e ser responsável assim como eles, ou talvez até melhor (EMPRESÁRIA).

Dedicação e trabalho duro! Pois um funcionário que dá resultado impõe respeito, e além disso buscar se adaptar a dinâmica do ambiente já que infelizmente ele não está pronto ainda para lhe dar com a gente. Isso evita conflito e desgaste emocional (ZOOTECNISTA).

Acredito que o conselho seja esse, não perder sua essência e pautar suas relações sempre no respeito. Os desafios são diários, mas devemos nós manter firme (CARCEREIRA).

É notório que na fala de todas elas, de algum modo, todas falam sobre perseverança e resistência. E por mais que nenhuma delas coloque questões como movimento feminista, todas tem o sentimento de que ainda precisamos de muitas mudanças para podermos viver em uma sociedade igualitária. A consciência de classe é um processo individual, do qual todos precisamos passar para contribuir para a superação dessa opressão, que infelizmente na ordem vigente se faz impossível devido a tudo que já foi explanado nessa presente pesquisa. O machismo é conveniente para o capitalismo, logo somente com o seu fim poderemos desfrutar de uma emancipação de fato.

É com a descoberta de que as desigualdades e as violências sofrida pelas mulheres possuem determinações comuns e que portanto, a liberdade individual só se dará coma liberdade de todas, que a mulheres não apenas vão forjando a consciência feminista individual,mas, também, a consciência militante, ao se associarem e desenvolverem uma luta comum contra tias determinações, quais sejam: o patriarcado, a sexagem, o racismo, a heterossexualidade obrigatória e a divisão sexual do trabalho. Assim, *a consciência militante feminista forja-se na força coletiva das mulheres em movimento, ou seja, inseridas em processos e formações políticas, organização e lutas, protagonizadas, pelos movimentos e organizações feministas (,,).* É o processo de auto-organização das mulheres que essas consciências são consubstanciadas, pois, é onde a auto-estima de cada uma fortalecida ao passo que a desnaturalizam a ideologia de uma suposta natureza feminina submissa.(CISNE, 2014.P 256)

Considerações finais

Analisando todo o arcabouço teórico de todos os autores utilizados, observamos que a divisão sexual do trabalho é inerente a sociedade capitalista, e tem um papel fundamental na contribuição da sua manutenção. Como foi explanado aqui, a sociedade burguesa se apropria “das diferenças sociais” como racismo, homofobia, machismo e etc, a fim de possibilitar uma maior extração de mais valia.

A ideologia patriarcal legitima e complementa o sistema capitalista, sem ela seria impossível a apropriação das “ditas minorias”, a naturalização do processo de inferiorização desses seres sociais, que acarreta uma fragmentação da classe trabalhadora, dificultando a superação da ordem vigente. O modo como se dá a divisão social do trabalho é extremamente alienante, e os trabalhadores não se consideram como iguais.

As relações sociais são baseadas na reificação do ser, a partir disso podemos observar que vivenciamos os “tempos do capital fetiche” onde a disputa por possuir e manter um status social acirra a questão social, principalmente no que tange às “minorias”.

As especificidades da mulher na ordem capitalista estão na sua tripla jornada de trabalho e nas opressões sofridas por ela pelo simples fato de ser mulher. Opressões estas que são naturalizadas como atribuições do “feminino”, o que leva a um processo duplamente alienante dessas vitimas da sociedade patriarcal. Mesmo sentindo a violência na pele, a legitimidade cultural acaba pesando mais e com isso muitas mulheres se tornam resilientes na sua condição socialmente determinada.

Na segunda parte desse trabalho, na qual pudemos contar com as entrevistas de quatro mulheres que exercem trabalhos tipicamente masculinos, tivemos uma pequena amostragem da dualidade entre superação/reprodução. Só o simples fato das entrevistadas terem escolhido estarem inseridas em uma profissão que não lhes é “inerente”, já se pode denominar como avanço. Quando comparamos as mulheres de hoje com as que viviam nos anos 20, por exemplo, onde a mulher era propriedade do pai para depois se tornar propriedade do marido, que na maioria das vezes não era de sua escolha, é notório que houve um aumento significativo da autonomia da mulher.

Entretanto, ainda existem questões e padrões comportamentais dos quais a sociedade ainda cobra das mulheres, tais comportamentos foram naturalizados a fim de forçar sua manutenção mesmo com a presença do movimento feminista. É válido ressaltar que o sistema conta com um grande “apoiador” com as questões morais, que é a religião, que favorece a manutenção do “padrão submisso” da mulher. Por isso, como podemos perceber nas entrevistadas, muitas mulheres, por mais que sintam na pele as mazelas e opressões do sistema, não sabem que necessitamos de uma grande mudança para resolver essas questões. Não tem consciência de classe, tampouco percebem a necessidade de se “organizar para luta”, pois elas tem imbuído em si a naturalização do que lhes oprime.

Esse processo leva a mulher a ser apropriada pelo outro, o qual deve subserviência, conduzindo-na a perda de autonomia sobre si, sobre seu corpo, sobre sua vida. Assim, se para um trabalhador é difícil romper com a ideologia burguesa para a formação de uma consciência revolucionária, para uma mulher há ainda um passo anterior e talvez, mais difícil: percebe-se como sujeito e reapropriar-se de si.

O feminismo, portanto, para chegar a uma consciência militante, necessita primeiro possibilitar o encontro das mulheres consigo. Por isso, há a valorização no feminismo da dimensão subjetiva, individual. Sem a valorização das experiências de cada uma das mulheres, o feminismo não consegue constituir-se como sujeito político, tampouco contribuir para a formação da consciência militante (CISNE,2014.P 256).

As questões raciais estão aglutinadas com as questões de gênero. O papel da mulher nesta sociedade foi socialmente criado para o favorecimento da sociedade patriarcal, para vencê-lo é preciso descortinar a naturalidade desses papéis para assim incluirmos essas pautas na luta dos trabalhadores. Movimentos feministas que pregam a igualdade dos gêneros são fundamentais para unificação da classe trabalhadora, para assim todos unidos (mulheres brancas/negras, gays,trans,não-binários, homens brancos/negros e etc.) possam impulsionar o fim da ordem capitalista!

Referências

BRUSCHINI, C - Gênero e Trabalho Feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? Brasil, 1985 a 1995- Paper apresentado no Seminário Trabalho e Gênero: Mudanças, permanências e desafios. GT População e Gênero Nepo/Unicamp, São Paulo, 1998

CISNE, Mirla. Feminismo e consciência de classe no Brasil. São Paulo: Cortez, 2014.

CISNE, GURGEL, Mirla, Telma. Feminismo, Estado e políticas públicas: desafios em tempos neoliberais para autonomia das mulheres. Brasília: 2008

FARIA, NOBRE, Nalu, Miriam. O que é ser mulher, O que é ser homem, Subsídios para uma discussão das relações de gênero. São Paulo : 1997.

FARIA, NOBRE. Nalu, Miriam. Gênero e desigualdade. São Paulo: 1997.

GAMA, Ándrea de Sousa. Trabalho, família e gênero impactos dos direitos do trabalho e da educação infantil. São Paulo: Cortez, 2014.

HIRATA, Helena; MAURAUANI, Margaret. As novas fronteiras da desigualdade – homens/mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac, 2003.

IAMAMOTO, Marilda. Serviço Social em tempo de capital fetiche, capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2011.

MERGÁR, Arion. A representação social do gênero feminino nos autos criminais na Província do Espírito Santo (1853-1870). 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2006, p. 79.

NETTO, José; BRAZ, Marcelo. Economia política, uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>

http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v4n2_carlotto.htm

www.ibge.gov.br/